11º FEPEG FÓRUM ENSINO · PESQUISA EXTENSÃO · GESTÃO
UNIVERSIDADE, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS
ISSN: 1806-549X
Realização: Unimontes Universidade Estadual de Montes Claros; Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior; Minas Gerais Governo de Todos; PIBID Unimontes
Apoio: FAPEMIG; FADENOR

A RELAÇÃO CINEMA-HISTÓRIA: POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS.

Autores: CLARISSA RODRIGUES SOARES;

Introdução

A partir da possibilidade de cristalização da imagem permitida pelo cinematógrafo, o cinema concedeu à história uma nova perspectiva de abordagem, mesmo que inicialmente os trabalhos feitos por historiadores interpretassem o que era projetado na tela como reflexo da realidade e não como uma construção/montagem da perspectiva de um diretor sobre algo. A evolução, tanto das técnicas de fazer e interpretar o cinema, quanto da própria historiografia que, a partir da década de 1970 ampliou ainda mais a noção de fonte histórica, permitiu que os estudos sobre cinema também se cristalizassem como campo de análise da História Cultural.

Para que fosse possível constituir o cinema como campo legítimo de estudos, o desenvolvimento de metodologias de análise adequadas tornou-se crucial. Nos últimos quarenta anos de produção da historiografia do cinema, vários autores sugeriram metodologias que permitiram entender a sociedade através dos filmes. Nesse trabalho, diante dessa vasta gama de possibilidades metodológicas, foram selecionados os métodos desenvolvidos por Marc Ferro, Douglas Kellner e Alexandre Busko Valim que podem contribuir para uma abordagem apropriada da obra cinematográfica pelo historiador e que permitem pensar o cinema como produtor de discursos e representações, tanto do passado, quanto do presente.

Material e métodos

Trata-se de um trabalho que utiliza da metodologia de pesquisa bibliográfica, no qual foram utilizados o método de abordagem dedutivo e de procedimento monográfico. Para a discussão do objeto, sobre a necessidade de construção de uma metodologia que possibilite ao historiador uma análise mais criteriosa do cinema, foram utilizados como marcos teóricos as obras de Marc Ferro (Cinema e História, 1992), Douglas Kellner (A cultura da mídia, 2001) e Alexandre Brusko Valim (História e Cinema, 2012) que discutiram a relação entre o cinema e a história e os possíveis caminhos metodológicos de uma apreciação de filmes que considere as suas relações com o público e com o contexto em que foram produzidos/exibidos.

Resultados e discussão

O problema da relação história-cinema por muito tempo foi um problema de método. Encontrar uma metodologia aplicável a análise do cinema sempre foi ponto controverso e indispensável para firmar os estudos de cinema dentro do campo da História Cultural.

Buscando a construção de uma metodologia adequada em suas análises, o historiador francês Marc Ferro construiu dois caminhos imprescindíveis para a apreciação do cinema como fonte histórica, sendo estes a leitura histórica do filme e a leitura cinematográfica da história. A primeira diz respeito à leitura do filme à luz de sua história, através da análise do seu período de produção; já a segunda corresponde à leitura do filme como discurso de interpretação do passado, ou seja, a história vista através do prisma do cinema. É de extrema importância para a pesquisa que propõe analisar obras cinematográficas, que as informações exteriores aos filmes (como o momento de sua produção, seu elenco, seu financiamento, a recepção pelo público e crítica, entre outras) sejam consideradas. Ferro atenta ainda para o fato de que o cinema através das suas representações pode ser usado tanto como instrumento de doutrinação, quanto de conscientização.

Sendo assim, cabe ao historiador ir além da mera crítica cinematográfica ou da busca pela veracidade dos fatos retratados no cinema. Uma análise adequada busca compreender também as representações sociais que esses filmes produzem e os símbolos construídos ao longo da história. Segundo Burke,

ISSN: 1806-549X

> O terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como preocupação com o simbólico e suas interpretações. Símbolos, conscientes ou não, podem ser encontrados em todos os lugares, da arte à vida cotidiana, mas a abordagem do passado em termos de simbolismo é apenas uma entre outras. (BURKE, 2005, p.10).

Roger Chartier (1990), por sua vez, destaca que as representações equivalem ao modo em que a realidade social é construída, em diferentes períodos e lugares, através de certas delimitações e classificações. Esses códigos, padrões ou símbolos, fornecem sentido ao presente. Entretanto, sendo estes historicamente construídos e determinados pelas relações de poder e conflitos de interesse, podem ter seus significados alterados. Existem cotidianamente, na perspectiva de Chartier, lutas de representações, já que estas não podem jamais serem consideradas como discursos neutros por carinema que podem ser capazes de levar a um entendimento útil da sociedade e da história.

A relação entre representação e cinema é intrínseca, pois os filmes não são meras expressões artísticas para a História, mas representam também a interpretação da realidade de determinado período. Além disso, o próprio filme pode passar determinados valores através da representação e reforçar ou enfraquecer determinadas práticas e ideias, entrando nessa luta pela legitimidade dos discursos.

Ferro (1992), ressalta em sua proposta teórico metodológica que o filme não possui validade apenas pelo que testemunha, mas vale também pela abordagem sócio histórica que autoriza. Uma abordagem adequada leva em consideração aquilo que é visível, bem como o não visível na obra. Portanto, torna-se imprescindível verificar aquilo que não é filme, ou seja, quem são os autores, a produção, o público, a crítica especializada e até mesmo o regime de governo, pois apenas assim poderemos compreender não só a obra, mas também a realidade ali representada.

> Lapsos que demonstram concordâncias ou discordâncias com a ideologia, ajudam a descobrir o que está latente por trás do aparente, o não visível através do visível. Aí existe a matéria para uma outra história, que certamente não pretende constituir um belo conjunto ordenado e racional, como a História, mas contribuiria, antes disso, para refiná-la ou destruí-la. (FERRO, 1992, p87)

Outras abordagens e metodologias têm sido propostas ao longo de todos esses anos desde o lançamento de *História e Cinema* de Marc Ferro. Além das análises propostas por Ferro que intentam encontrar aquilo que não está dito ou visível nos filmes, parte dos trabalhos voltados ao estudo do cinema passaram a dedicar-se também ao estudo da recepção das obras e a entender como um conteúdo ideológico pode ser propagado, aceito ou recusado pela audiência.

Em uma segunda proposta complementar presente no livro *A cultura da mídia* (2001), o filósofo e sociólogo norte-americano Douglas Kellner propõe uma análise profunda dos meios de recepção para entender melhor se a relação mídia-público é de dominação – perspectiva combatida pelos estudos culturais britânicos – ou se existem pontos de resistência capazes de permitirem uma mudança nas práticas midiáticas e sociais. Kellner parte do pressuposto de que apesar da cultura da mídia conseguir produzir meios de conduzir o indivíduo a se identificar com uma determinada ideologia, essa relação não é rígida, existe um equilíbrio de hegemonias. Acontece que as culturas da mídia e do consumo oferecem um entretenimento agradável capaz de seduzir o espectador através de recursos audiovisuais, fazendo com que esses indivíduos se identifiquem com determinadas atitudes e opiniões. Existe uma espécie de sistema de gratificação comercial utilizado para ajustar os comportamentos e pensamentos dos indivíduos ao sistema e as práticas vigentes.

Apesar disso, analisando os processos de recepção, Kellner chega à conclusão de que o público é capaz de resistir a essa ideologia dominante, “criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se da cultura de massa, usando a sua cultura como recurso para fortalecer-se e inventar significados, identidade e forma de vida próprios” (KELLNER, 2001, p.11). Na perspectiva do autor, a cultura que é levada pela mídia pode tanto induzir as pessoas a aceitarem e manterem o establishment, quanto oferecer recursos de oposição a ele.

ISSN: 1806-549X

A partir das apreciações de Kellner sobre os estudos de recepção, concordamos que, para uma boa análise de uma obra midiática, faz-se necessária uma análise sobre outros tipos de mídia, para perceber como o público reage a certos temas, certas tentativas de representação, ideologias. Devem ser analisados junto ao filme, revistas que falem sobre a obra, críticas, artigos de jornais da época de sua produção, propagandas, opiniões do público e qualquer documento capaz de demonstrar como foi a recepção da audiência ao filme.

Essa é a proposta também defendida por Alexandre Busko Valim (2012), que acredita que mesmo que os filmes sejam boas fontes documentais para estudos de representações, eles não são capazes de dizerem sozinhos sobre o público que os assistiu. Valim destaca, ainda, uma possibilidade metodológica que diz respeito a análise de um "circuito comunicacional" das representações sociais. Tal circuito se constitui a partir de uma relação entre os filmes e o contexto em que estão inseridos, como já propunha Ferro, assim como o contato com outros meios capazes de dinamizar a veiculação das representações sociais e a compreensão pelos atores sociais. Requer do historiador "uma análise da produção e da economia política dos textos, bem como da interpretação textual, assim como o exame da recepção por parte do público e de seu uso por diferentes atores sociais" (VALIM, 2012, p289).

Pensando nesse "circuito comunicacional", Valim desenvolveu uma metodologia capaz de evidenciar a relação emissão/mediação/recepção que observa o contexto, a narrativa, a produção, o gênero, as redes temáticas, as formas de exibição, a crítica e a recepção do público sobre determinado filme, permitindo pensar o cinema como um objeto cultural capaz de gerar representações sociais e entendendo o caráter dinâmico dessas representações para "desvelar satisfatoriamente as intricadas e complexas relações entre o cinema e a história" (VALIM, 2012, p298).

Considerações finais

Desde as análises iniciais que consideravam o cinema como verdade e um reflexo da realidade, a historiografia evoluiu bastante e métodos específicos para a análise cinematográfica se estabeleceram. Foram selecionados alguns autores que conseguiram desenvolver métodos satisfatórios para uma boa análise fílmica e midiática em geral. Entretanto, faz-se importante observar que existem diversas outras possibilidades metodológicas na apreciação do cinema que podem ser capazes de levar a um entendimento útil da sociedade e da história.

Ressaltamos a importância das análises de Marc Ferro que deram um primeiro passo para perceber o "filme além do filme", encontrando não só o que está estampado na tela, mas aquilo que só se descobre com uma análise criteriosa, pois, em um primeiro momento, não é visível. Diretores, produção, regime de governo, país de origem, financiamento, roteiro, discursos, entre outros aspectos são imprescindíveis para entender o cinema e o contexto de sua produção. Além disso, os estudos de recepção propostos por Kellner possibilitaram à História uma dimensão maior sobre as representações que realmente são aceitas ou recusadas pela audiência, permitindo que possamos fugir da superficialidade e da ideia maniqueísta de mídia alienadora presente por tanto tempo na historiografia da Industria Cultural, pois tais relações entre público e obra não são apenas de subordinação e alienação, mas encontram-se no território da dominação e da resistência, já que a audiência só consome o que lhe agrada e é capaz de recusar aquilo com o que não se identifica. Por fim, foi abordada a ideia de "circuito comunicacional", proposta por Alexandre Busko Valim, que sugere uma junção de métodos que passam pela análise dos contextos de produção, pela forma como o filme é exibido e a recepção do público, gerando um esquema emissão/mediação/recepção que nos parece bastante pertinente para uma adequada análise da relação história-cinema.

Agradecimentos

ISSN: 1806-549X

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que financia a presente pesquisa. Ao professor Dr. Alysson Luiz de Freitas, orientador que possibilitou discussões sobre o tema e permitiu sanar dúvidas sobre o trabalho. À professora Dra. Rejane Meirelles, professora do Programa de Pós-graduação em História que incentivou a produção e reflexão a respeito das possibilidades teóricas e metodológicas disponíveis para análise do cinema.

Referências bibliográficas

BARROS, José D'assunção de. *A Nova História Cultural* – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. Cadernos de História, Belo Horizonte, v.12, n. 16, 1º sem. 2011. p.38-63.

BURKE, Peter. *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____ . *História e teoria social*. 2ª Ed. São Paulo: Unesp, 2012.

CHARTIER, Roger. *História Cultural* – Entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

FERRO, Marc. *Cinema e História*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LE GOFF, Jacques. Documento-monumento. In: *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

KELLNER, Douglas. *A cultura da Mídia* – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KORNIS, Mônica Almeida. *História e cinema*: um debate metodológico. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, p 237-250, 1992.

VALIM, Alexandre Busko. História e Cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo, org. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.